

manzuá

SÓ OS SONHOS NÃO TEMEM O CONTÁGIO: PAISAGENS CARTOGRÁFICAS DO IMAGINÁRIO

Artigo

NÚCLEO FUGA!

Bruna Reis

Dora de Andrade

Flávio Rabelo

Gabriela Giannetti

Roberto Rezende

RESUMO:

O presente texto traz informações sobre os vídeos aqui publicados pelo Núcleo Fuga!, indicando os caminhos, princípios e procedimentos que apoiaram sua execução. Trazendo, assim, notas sobre a pesquisa por trás dos vídeos, desenvolvida dentro do Projeto cAsa e verticalizada durante a IV Residência Artística do Projeto cAsa (virtual) – “Só os sonhos não temem o contágio”, realizada de forma remota durante o mês de julho de 2020 em parceria com os artistas René Guerra e Renata Voss.



manzuá

2020

Encontro amoroso para atravessar o desconhecido junto. Território vulnerável do existir e resistir na crença no saber do sonho. Escavar acessos a realidades não presentificadas para sustentar a travessia do agora. A escuta das forças da vulnerabilidade, intimidade e partilha das passagens no nascer e morrer de cada gesto, de cada enquadre, de cada dia. A descoberta do trajeto no desvio, no estranho, no fracasso. Aliar-se à ruína, vida e morte se enlaçam. O corpo é passagem, desconhecido e multidão. A movida do possível é coletiva, no descontrole e no afeto.

Caderno de notas de Bruna Reis

Caleidoscópio, ou, por onde e como olhar

O presente texto traz informações sobre os vídeos aqui publicados pelo Núcleo Fuga!, indicando os caminhos, princípios e procedimentos que apoiaram sua execução. Trazendo, assim, notas sobre a pesquisa por trás dos vídeos, desenvolvida dentro do Projeto cAsa e verticalizada durante a IV Residência Artística do Projeto cAsa (virtual) – “Só os sonhos não temem o contágio”, realizada de forma remota durante o mês de julho de 2020 em parceria com os artistas René Guerra e Renata Voss.

Desta forma, as imagens aqui expostas articulam os territórios conceituais e artísticos, apoiados em duas premissas cartográficas gerais:

- Equalizar aspectos da relação forma e conteúdo;
- Não criar hierarquias entre os materiais.

Então, a partir das premissas postas, optamos por compor as nossas reflexões também de maneira cartográfica e seguir com o desafio da experimentação audiovisual – foco vertical da Residência Artística em questão.

Para nortear tal processo, duas decisões:

- Escolhemos o que foi produzido no terceiro dia da Residência Artística, o dia 12 de julho de 2020, como campo de força gerador das



manzuá

reflexões e depoimentos pessoais aqui apresentados. Nesse setimo, achamos pertinente publicar também um vídeo com toda a trajetória desse dia, o qual chamamos de “Entre clichês e máscaras para estar nu”.

- Criamos um programa-jogo para vídeo batizado de TRINCA para ser realizado coletiva e individualmente, tendo a câmera como suporte de criação. Em linhas gerais, a partir do sorteio de uma trinca de palavras-portais, fala-se em fluxo atualizando as experiências vividas durante o terceiro dia da Residência. TRINCA gerou um total de seis vídeos (um coletivo e cinco individuais), podendo ser assistidos em qualquer ordem.

Aconselhamos, contudo, que o vídeo “Entre clichês e máscaras para estar nu” seja visto antes dos da série TRINCA.

PROGRAMA TRINCA

Título: Trinca

Tema: memórias e reflexões a partir das experiências da IV Residência Artística do Projeto cAsa (virtual) - ‘Só os sonhos não temem o contágio’.

Participantes: artistas pesquisadores do Núcleo Fuga!

Espaço: casas – zoom meeting – vídeo

Duração: variada.

Materiais: celular e/ou computador para encontros virtuais e gravação dos vídeos.

Instruções:

Instrução geral – gravar uma série de vídeos (01 coletivo e 5 individuais) que permitem cartografar as experiências da Residência Artística “Só os sonhos não temem o contágio”. Os vídeos se apoiam em relatos narrados pelos artistas pesquisadores do Núcleo Fuga! que fizeram parte da Residência. As narrativas são acionadas a partir de um sorteio de uma trinca de palavras-portais.

Fase 1 – preparação

- Criar mapas conceituais individuais.



manzuá

- Criar mapa conceitual coletivo a partir dos mapas individuais.
- A partir do mapa conceitual coletivo, criar uma lista com 8 trincas de palavras-portais.

Sobre as palavras-portais: são palavras-conceitos, palavras-imagens, palavras-enigmas. Palavras que trazem em torno de si um certo mistério, ao mesmo tempo que são capazes de abrir caminhos da memória e da imaginação, disparando fluxos associativos entre elas e o momento presente.

As oito trincas de palavras-portais criadas são:

- 01 - Diagnóstico/Escolha/Nudez
- 02 - Enigma/Sonho/oráculo
- 03 - Vulnerabilidade/ruínas/precário
- 04 - Escuta/Invisível/Silêncio
- 05 - Desvio/Urgência/Cura
- 06 - Procedimentos/ Pesquisa/Nascer e morrer
- 07 - Partilha/cumplicidade/Acordo
- 08 - Movida/Turbulência/cuidado

Fase 2 - O jogo coletivo

- Previamente cada participante escreve as oitos trincas de palavras-portais em pequenos pedaços de papel.
- O jogo é realizado e gravado durante encontro virtual síncrono no aplicativo Zoom meeting.
- O último a entrar no link do encontro inicia o jogo.
- O jogo consiste em:
 - Escolher participante que vai narrar.
 - Sortear a trinca de palavras-portais.
 - A pessoa escolhida, narra a partir da trinca sorteada por cinco minutos.
 - O jogo segue seu circuito até os cinco participantes narrarem alguma das trincas de palavra-portal
 - As três trincas que sobram são narradas de forma coletivamente aleatória.



manzuá

Fase 3 - O jogo individual

- Escrever as oitos trincas em pequenos pedaços de papel.
- Gravar vídeo realizando as seguintes ações.
- Sortear uma trinca de palavra-portal.
- Narrar para a câmera a partir da trinca sorteada por cinco minutos.

Então, desse processo organizamos os seguintes materiais em vídeo para esta publicação:

- Vídeo **Entre clichês e máscaras para estar nu:** com imagens do terceiro dia da Residência, 12 de julho de 2020, o vídeo mostra trechos de toda a trajetória das atividades realizadas no encontro síncrono daquele dia.

Entre clichês e máscaras para estar nu:
<https://youtu.be/WlyQf88DyMY>

- Vídeo **Trinca (Coletiva) - Só os sonhos não temem o contágio:** com imagens do jogo cartográfico TRINCA realizado coletivamente pelos integrantes do Núcleo Fuga! em encontro síncrono pelo aplicativo Zoom meeting, em 12 de outubro de 2020.

TRINCA (Coletiva):

<https://www.youtube.com/watch?v=EIDLL-7zt9Y&feature=youtu.be>

- Série de 5 Vídeos **Trinca (individual) - “Só os sonhos não temem o contágio:** em cada um dos vídeos, um integrante do Fuga! realiza individualmente o programa-jogo TRINCA.

Trinca/Bruna Reis: https://youtu.be/NryDwqLz_18

Trinca/Dora de Andrade: <https://youtu.be/VdLQIsHjFog>

Trinca/Gabriela Giannetti: <https://youtu.be/30jTOhSyEVo>

Trinca/Roberto Rezende: <https://youtu.be/nDS7YUkTvJY>

Trinca/Flávio Rabelo: <https://youtu.be/C7RMI0d8cv8>

Ao final do texto, temos ainda o ensaio fotográfico “Entre máscaras e ruínas”, realizado por Renata Voss. Os textos que acompanham



manzuá

as fotos foram feitas pelos integrantes do Núcleo Fuga a partir do procedimento da narrativa em deriva e do resultado do exercício de escrita de um HAICAI de apresentação pessoal, realizado durante a residência como provocação do nosso convidado René Guerra.

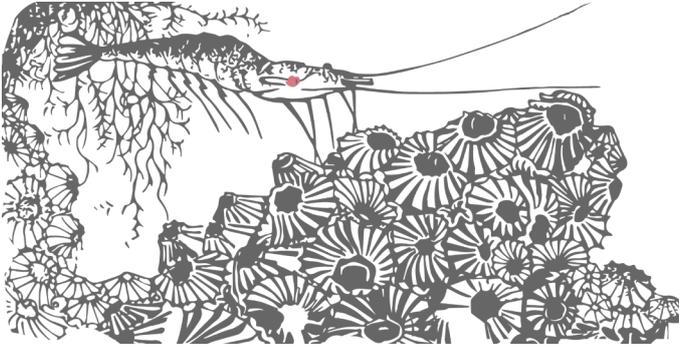
Ele não lembra por onde andou nesta madrugada de névoa e lâmina. Constata que o excesso de imagens compromete este lugar da sua memória. Sonha mais e diverso nos outros dias em que o contato com os dispositivos eletrônicos é abortado mais cedo. Coça o olho. Sensação de brigadeiro de colher na boca. Come junto com a mãe enquanto recordam fotografias que nunca permanecem na memória da cabeça, mas só na do HD do notebook ou do smartphone, nuvem que não deságua... Instagram, Facebook, Drive, rolo de câmera... “Onde é que tá, filho? Cliquei aqui. Perdi, foi? Tava aqui no youtube!”. Observa o labirinto suspenso em sua cabeça enquanto respira. Ação!
Caderno de Anotação de Roberto Rezende

Planta baixa, ou, quem somos:

Núcleo Fuga! é um espaço de experimentação transdisciplinar que explora contaminações poéticas entre as linguagens da dança, do teatro e da performance. A pesquisa do grupo busca criar encontros entre diversos artistas e pesquisadores acerca dos imbricamentos entre a prática artística e a pesquisa acadêmica, primando por uma noção de coletividade que prevê a diferença enquanto postura ética.

Surgiu como linha de pesquisa vinculada ao LUME Teatro/UNICAMP em 2007, permanecendo neste vínculo até julho de 2019. Atualmente, encontra-se cadastrado como linha de pesquisa vinculada aos cursos de Dança, Teatro e de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Os integrantes do Núcleo Fuga! residem nas seguintes cidades: Campinas/SP, Campo Grande/MS, Diamantina/MG e São Paulo/SP.



manzuá

Abrir a cAsa – ou, o projeto:

Criar situações cotidianas para dançar; aproveitar as situações cotidianas para dançar e, ainda, permitir o olhar perceber tais situações como dança. Como a sua casa dança? Quais e quantas danças o seu cotidiano esconde, revela e produz?

Estas foram algumas das inquietações que levaram os artistas e pesquisadores do Núcleo Fuga! a iniciar em 2014 o Projeto cAsa. O processo de criação e pesquisa de linguagem vem se construindo entre a performance, o teatro e a dança; tecendo sua estrutura a partir de jogos, cartografias corporais, narrativas em deriva e programas performativos. Enquanto pesquisa de presença cênica, nos apoiamos nos princípios da composição em ato e da memória como recriação do vivido.

Nesta trilha, o ambiente da casa, suas sutilezas, rastros e ecos, criam impressões como cenário sensível e transitório para disparar os movimentos pesquisados. Um manifesto às sutilezas do cotidiano, suas dinâmicas e mobilidades; nas quais o que se dança surge como um instante rasgado entre pelos e poros.

Do surgimento do projeto até o presente momento, foram criadas quatro versões de um mesmo programa-jogo, todas elas seguindo as mesmas premissas e procedimentos de articulação, mas cada uma das versões com sua especificidade na relação espaço-temporal e recortes temáticos específicos. Desta maneira, até o momento criamos:

- **Desculpas cotidianas para dançar.** Versão oficina-intervenção - de 07 à 15 dias, 05 horas por dia - salas de treinamentos ou de casa. Criada e executada pelos integrantes do Núcleo (2014, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020).

- **C.A.S.A. caminho aberto, sempre aberto.** Versão instalação performativa - 10 horas por dias, 04 dias - galeria. Criada e executada junto com a artista Eleonora Fabião (2019).

- **Do que ainda não existe, ao que já não existe mais.** Versão espetáculo - 55 minutos - espaços alternativos fechados.



manzuá

Criada em parceria com as artistas pesquisadoras Lígia Tourinho e Patrícia Leonardelli, executada pelos integrantes do Núcleo (2016).

- **O que você está fazendo agora [?]**. Versão intervenção urbana em dança - 03 horas, terminais de transporte público. Criada e executada pelos integrantes do Núcleo (2015).

De forma geral, nosso programa-jogo se constrói apoiado em três procedimentos:

1 - Cartografias corporais: a apropriação de padrões de comportamento e movimentação cotidianos. Tais padrões são espelhados, enquadrados e ecoados pelos artistas, transformados em movimentos de dança.

2 - Assemblages itinerantes: composição com objetos cotidianos previamente escolhidos pelos artistas. Tais composições se instauram em fluxo pelo espaço.

3 - Narrativas em deriva: jogo narrativo na terceira pessoa do singular do tempo presente, disparado pelas Assemblages itinerantes e pelas Cartografias corporais. As narrativas em derivas passeiam entre os planos do real, da memória e da imaginação.

Na fase atual, diante do contexto de isolamento social, devido a Pandemia do Covid-19, desde abril estamos em fase de elaboração do que virá a ser a nova versão, desta vez virtual, do nosso programa-jogo.

Nesse sentido, a IV Residência Artística do Projeto cAsa foi pensada e executada para gerar aproximações entre os artistas do Núcleo Fuga! com a linguagem do audiovisual.

O que vaza? Qual o enigma da imagem? Apostar em não querer controlar a ação, deixando cada instante se gastar. Cavar aos poucos, arrotear sem querer decifrar logo os mistérios em jogo. Lembrar que "borrar é lindo", como disse René. Caderno de Flávio Rabelo.

Acordar casa-corpo-sonho, ou, a proposta da Residência:



manzuá

A IV Residência Artística do Projeto cAsa – virtual: Só os sonhos não temem o contágio foi iniciada em 10 julho, indo até o dia 31 do mesmo mês.

Nessa quarta edição das residências artísticas do Projeto cAsa recebemos como convidados os artistas alagoanos Renata Voss e René Guerra. A partir dos interesses transdisciplinares deste processo, desta vez o foco da pesquisa de linguagem e das criações estava na relação entre as artes presenciais com o audiovisual e a fotografia, atravessados pelas imagens-enigmas dos sonhos e das ruínas.

Renata Voss é fotógrafa e professora de Artes Visuais na UFBA. René Guerra é cineasta, preparador de elenco e diretor teatral. Ambos os artistas convidados vem tendo momentos de atividades teóricas e práticas, tratando de temas como: a fotografia enquanto dispositivo de acionar memórias, estudo de presença na imagem cinematográfica, abecedário fílmico, dramaturgia sonora entre outros.

Assim, a IV Residência Artística foi um laboratório de criação intensivo, nos convocando a esboçar algumas cenas e personas, a partir do estudo da relação corpo-tempo-espaco-câmera, em busca da sintaxe da imagem cinematográfica.

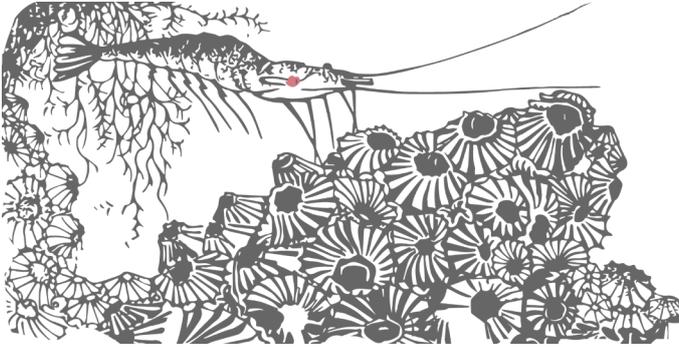
Experimentando na prática ajustes de enquadramentos, profundidade de campo, dramaturgia sonora, proporção entre objetos no quadro, composições fílmicas narrativas, edição de vídeos e estudos de planos (close, geral, médio, subjetivo, abstrato, sequência).

A partir das imagens-enigma dos sonhos e das ruínas, ao longo da Residência fomos escavando fachadas, máscaras e clichês, desenvolvendo campos de relação com este dispositivo e suas possibilidades enquanto linguagem poética e narrativa.

Na escuta de si e da partilha coletiva e silenciosa, deixar-se morrer para nascer em entrega ao fluxo do agora, desconhecido, estranho e familiar... morrer, nascer, morrer, nascer.

Caderno de notas de Gabriela Giannetti

Despertar Urgências, ou, as motivações:



manzuá

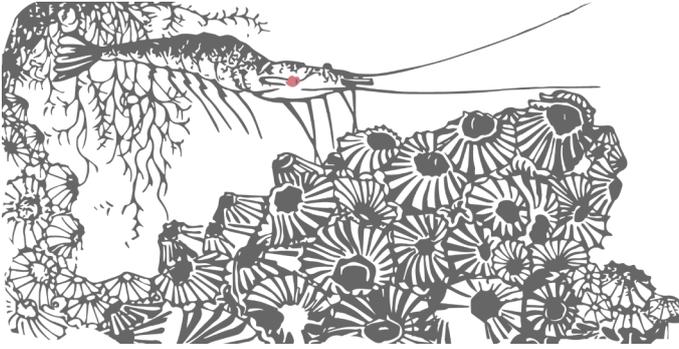
Tendo em vista que a Residência surgiu em resposta ao contexto de isolamento social devido à pandemia do Covid-19, que até o momento de escrita deste texto já contabilizou 157.134 óbitos no Brasil, esta quarta edição foi toda virtual e restrita aos integrantes do Fuga!. Funcionando, assim, como uma edição piloto para uma série de ações virtuais que o Núcleo deseja desenvolver em breve. Dentre elas, a estreia da versão virtual do programa-jogo.

“Só os sonhos não temem o contágio” surge como título para nos provocar a relação entre **arte, inconsciente e resistência**.

E ainda, para nos lembrar, como nos diz Gaston Bachelard em A poética do Espaço, que “ a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz”.

*“Essa é uma residência de plantações”. Frase ecoada em um dos últimos dias de trabalho, em meio a muitas colheitas... Dias arados pela ideia de que a captura da imagem é nascimento e morte ao mesmo tempo, onde o errar é a vida entrando no quadro, suportar os ruídos, desejar o assombro, ter as ruínas como apoio. Qual é a ruína do seu corpo? “A câmera nessa residência é um espelho”. Silenciar, germinar mistérios que não podem ser gastos, trabalhar com imagens que não entendo, encontrar enigmas, não negar a sombra e não negar o inconsciente, o signo, o acaso, mergulhar na não eficiência das coisas. “Acreditar verdadeiramente em situações imaginárias”. Habitar outros possíveis, se montar para estar nu e revelar seus desejos, fachadas, clichês. E ruínas... Quais as urgências dos signos que preciso? O que tem que entrar em algum descontrole para que a vida habite o quadro? Não estar só. Estar junto. Estar vulnerável, se mostrar e ser receptáculo do outro.
Caderno de notas de Dora de Andrade.*

Fuga, irradiar caminhos e sonhos
Casa onde? Casa quem? Casa o que? Quando poderíamos
imaginar que passaríamos tanto tempo e tantas coisas em nossas



manzuá

casas?

Em 2019 a partir de um encontro com Eleonora Fabião, a C.A.S.A. virou Caminho Aberto Sempre Aberto, seguindo por outras derivas com os objetos das casas, como escuta e cuidado, como coisa. Desestabilizando as separações estanques entre sujeitos/objetos.

Em junho de 2020 o lançamento do registro em vídeo dessa última ação se atualizou na sombra de dias tenebrosos, com novas nuances e outros imperativos.

Agora, final de outubro, olhar de dentro para fora da casa continua sendo vislumbrar outro mundo, e às vezes não ter chão.

E mais que nunca entendemos juntos com Fabião que “em tempos de hediondez, nos tempos de tanta dificuldade como os que a gente está enfrentando agora, temos a oportunidade de re-entender o que são caminhos e o que é abrir caminhos”.

É nesse impulso que essa escrita pretende também se fazer partilha, daquilo que se moveu e daquilo que quer mover: amparos, escutas, acolhidas, caminhos e sonhos.

Escoar marcas, ou, uma sinopse possível:

Um programa-jogo virtual parte do Projeto cAsa, do Núcleo Fuga!, cujo foco é o acionamento de territórios de experimentação cênica transdisciplinar, atravessados por ações sutis que tencionam a relação entre arte e vida, sonho e realidade. O programa-jogo investiga o território da casa, em suas concretudes e simbologias. Os jogadores criam suas jornadas coletivamente, entre composições e ajustes constantes – observam, negociam e recriam. Tudo vira dança. Narram seus esquecimentos inventados enquanto recriam os sentidos e usos das coisas ao redor. A dança vira tudo. Sempre está acontecendo alguma coisa, por menor que seja. Nem ontem, nem amanhã. Aqui. Agora.

Eles são Ela, sujeito indefinido, todos e qualquer um. Confinada. Uma noite, quase que por distração, antes de deitar-se para dormir, sua casa torna-se caminho. Ela se vira pelo avesso enquanto procura



manzuá

as pistas de uma possível volta. Sonha para não sucumbir ao marasmo, ao cinismo e à crueldade que varrem o chão de sua sala de jantar. Ela dança entre a poeira do quintal da casa de sua avó e os olhares arrogantes de seus vizinhos pela janela do banheiro. Ela transforma o espaço o tempo todo. O tempo também vira espaço e o agora se desfaz em detalhes insignificantes. O todo vira a parte da parte do que o olhar alcança. Ela narra tudo que faz, vê e cria: temporalidades sobrepostas que esboçam dramaturgias intermitentes, pequenos frames em constante reorganização. Montagem. Desmontagem. Assemblage em deriva disparada por memórias recriadas. Ela dança em meio a três malas em seu quarto de hotel, entre livros e muitas coisas por arrumar. Não tem casa, mas muitas desculpas e deveres para dançar. Lembra que quando descobre que gosta de dançar em boates e festas. Gira rápido pelo salão. Ultimamente dança em meio a sonolências de voos cancelados, passos de noites seguidas sem dormir. Gosta da sensação de dançar na madrugada. Sem pertencer a lugar algum, faz sua dança confinada, homeless, tendo sempre uma das três malas e sua imaginação como parceiras. Sempre com mais do que precisa e sempre sem alguns itens necessários. Dança itinerante. Corpo bagagem dançante. Dança, sobretudo porque o vento lhe soprou ao ouvido aos seis anos de idade que era só pela dança que ela poderia apagar seu nome para se tornar agora. Sempre está acontecendo alguma coisa, por menor que seja. Nem ontem, nem amanhã. Aqui. Agora.

Desequilibrar fachadas e clichês, ou, a ficha técnica:

Projeto cAsa:

Concepção, pesquisa e realização: Núcleo Fuga!

Coordenação de pesquisa, produção e direção geral: Flávio Rabelo.

Coordenação de pesquisa do movimento: Dora de Andrade e Bruna Reis.



manzuá

Artistas pesquisadores: Bruna Reis, Dora de Andrade, Flávio Rabelo, Gabriela Giannetti e Roberto Rezende.

Artistas que já colaboraram com o projeto cAsa: Eleonora Fabião, Patrícia Leonardelli, Lígia Tourinho, Ana Clara Amaral e Renato Ferracini.

Artistas convidados para IV Residência Artística cAsa (Virtual): Renata Voss e René Guerra.

Parceria: Cambar Coletivo.

Perfil no Instagram - @nucleofuga

Canal Youtube

<https://www.youtube.com/channel/UCmlpW9sw40L3mty68D91IEA/featured>

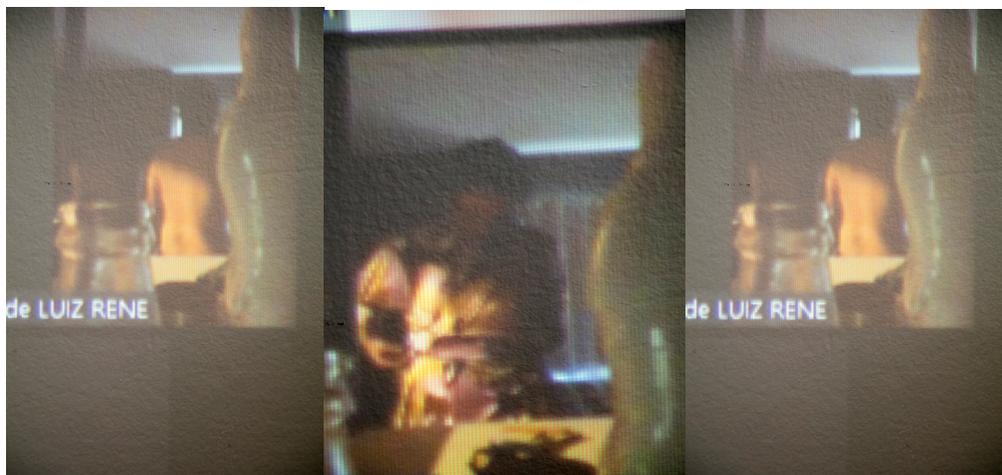
Página no Facebook - <https://www.facebook.com/nucleofuga/>

entre máscaras e ruínas

por Renata Voss

com Núcleo Fuga! + René Guerra

Diagramação: Flávio Rabelo





manzuá



Sou de carnaval
Gosto de suar junto
Invisível ser
(Haicai Flávio Rabelo)



Ele segue escorregando ladeira abaixo, suando como o trabalhador atrasado para o seu terceiro turno de delírios ultrajantes. Entre orquídeas e restos de bonecas quebradas, cheias de mofo, ele desenha no céu o dia que fugiu de casa pela primeira vez, aos quatro anos de idade, atrás de pedras brancas que ajudassem a construir a muralha de seu castelo invisível. Tudo mentira. Teatro. Ficção. Ele nem existe, é ninguém.



manzuá



De pele osso
Carne viva ao toque
Respira calor
(Haicai Dora de Andrade)



Ela tem um feixe de saindo da cabeça e um olho só. Uma folha protege seu outro olho para que não veja tudo por inteiro, para que não tome consciência de tudo, para que demore mais nas coisas. Ela observa por entre frestas, curiosidade e medo de enxergar, algum espanto entra pela boca. Sente o ar seco e franze a testa, terá que atacar para viver. Esconder-se na luz, entrever o inimigo, a chegada, o irremediável. Pensa em todos os corpos que receram, corpos originárixs, aquelxs que já estavam aqui e não deviam sequer terem sido todacxs pelo olhar de quem xs oprimiu. O corpo dela parece só um pedaço nu trancado num cubo branco. Ela se pergunta que pedaço é ela, o que a nudez dela esconde. Os pés agora não tocam o chão, o



manzuá

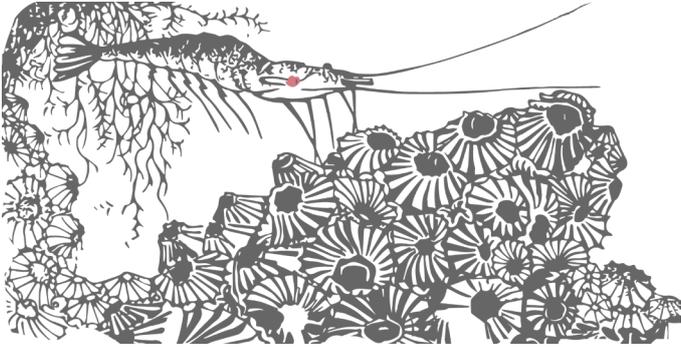
olho no olho pra ela é uma vertigem... sem a gravidade, ela imagina que o oceano em tempestade toca a terra, esfria as chamas, nuvens de corpos ancestrais ressurgem retomando, refazendo, fecundando. Ela quer submergir enquanto assiste o apocalipse da natureza se reerguendo.



Fogo de tigre
Venta na cachoeira
A terra se faz tua

(Haicai Gabriela Giannetti)

Ela se esconde atrás da câmera para esconder os próprios clichês, as próprias ruínas e se lança a olhar o outro e mostrar o seu olhar olhando o outro. Ela não é voyeur, ela não é uma cor monocromática, ela busca ressignificar seus próprios fracassos, ela é terra, é sul, ela é América, usada, abusada, rebelada. Ela semeia a vingança do que se impôs oculto.



manzuá



Mulher velha menina
Transmuto todo dia
Na inteireza e na ruína

(Haicai Bruna Reis)



Ela não tem medo da peste, dos monstros, das bocas que lambem, dos interstícios. Veste a pele de hoje, tanga de lantejoulas preto aberto do peito ao ventre. Gira para ventar o ar dentro e fora. Se mostra e se esconde no abraço das próprias ruínas. Dança com as muitas de si, com ela, com tudo, com eles, com nada. No visível do enquadre tela é um dia, nos ossos muitos outros, invisíveis. Ela é o agora urgente e rasgado, frame de formas que ainda estão por vir, tesão, voo, afeto, as vidas e as mortes de cada dia, finito ilimitado. Se acolhe enquanto respira desterro, avalanche, indisciplina, revolução,



manzuá

e se lembra, com saliva e o cheiro das suas águas, que todo instante é escolha e criação.



Ele delicadeza
Atlântico céu mareia
Irradia coração

(Haicai Roberto Rezende)



Ele é criativo e hahaha, enrolado no manto sagrado da brincadeira deixa os pensamentos armarem em fios de conexão translúcida com outros mundos de vestir, minhoca minhoca meda um beijoca, no templo de Gzuis Color, cebolinha é rei solitário e você é quem ele espera imensamente a sua chegada: ring for a hug, He-man? Maybe. Desaba oco em cacos de maré sobre o veludo azul. "Ele não tem a



manzuá

força”, lê na nota de rodapé da sala de estar com caleidoscópio.

